



## GLOSSÁRIOS FRANCESES DE OBRAS DE JOÃO GUIMARÃES ROSA: UM ESTUDO ETNOTERMINOLÓGICO

Quentin Olivier Branco Nunes<sup>1</sup>  
Elizabete Aparecida Marques<sup>2</sup>

**Resumo:** João Guimarães Rosa publicou *Sagarana*, no Brasil, em 1946, e ficou rapidamente conhecido no exterior, especificamente na França, onde sua primeira obra foi publicada em 1959. Por se tratar de uma literatura com uma importante dimensão sociocultural, a tradução das obras de Rosa aparece como um desafio no que tange à transmissão do universo sertanejo para a língua francesa. A partir do conceito de etnoterminologia de Maria Aparecida Barbosa (2007, 2010), um estudo terminológico configura-se como uma ferramenta necessária à análise das traduções das obras do autor mineiro, pois, em consonância com a pesquisadora, as unidades lexicais podem assumir a função de termo conforme o universo discursivo em que elas se inscrevem (BARBOSA, 2007, 2010). O objetivo principal deste artigo é discutir, portanto, conceitos fundamentais da linguagem de João Guimarães Rosa na perspectiva da Etnoterminologia, mais especificamente no âmbito de sua tradução para o francês, único meio de dar acesso ao leitor francófono ao universo etnoliterário do autor. Para tanto, realiza-se uma análise etnoterminológica dos dois glossários elaborados pelos tradutores franceses das obras *Sagarana* (1997) e *Essas Estórias* (2016), destacando as possibilidades da terminologia aplicada (BARBOSA, 2007) a partir das obras do autor. O trabalho demonstra, ainda, que a tradução dos textos rosianos para o francês necessita de um estudo cuidadoso das unidades lexicais, que adquirem o estatuto de termos por estarem em uso no discurso etnoliterário de João Guimarães Rosa.

**Palavras-chave:** Guimarães Rosa. Etnoterminologia. Sertão. Tradução. Francês.

### **FRENCH GLOSSARIES OF JOÃO GUIMARÃES ROSA'S WORKS: AN ETHNOTERMINOLOGICAL STUDY**

**Abstract:** João Guimarães Rosa published *Sagarana*, in Brazil, in 1946, and has been quickly recognised foreign countries, especially in France, where his first work has been published in 1959. Since it's a literature with an important socio-cultural dimension, translating Rosa's works appears as a challenge concerning the transmission of Sertão's world in french language. From the concept of ethnoterminology of Maria Aparecida Barbosa (2007, 2010), a terminological study is seen as an essential tool to analyse the works of the Minas Gerais' author. In accordance with the university researcher, the lexical unities can assume the function of "term" according with the discursive universe in which they are employed (BARBOSA, 2007, 2010). The main objective of this article is to discuss the main concepts of the Rosa's language in the

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos Linguísticos da UFMS Campus de Três Lagoas. ORCID: 0000-0002-2056-2823. E-mail: quentin.branco.nunes@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Linguística Aplicada pela Universidad de Alcalá de Henares. Professora Associada da UFMS, docente e pesquisadora no Curso de Letras e nos Programas de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens e em Letras. ORCID: 0000-0002-6308-9597. E-mail: eamarques@htomail.com.

*perspective of the ethnoterminology, more specifically within the context of his translation to french, unique way to grant access to the author's ethnoterminological universe to the french reader. To achieve this, an ethnoterminological analysis of the two glossaries, developed by the French translators of Sagarana (1997) and Essas Estórias (2016) is made, showing the possibilities of an applied terminology (BARBOSA, 2007) from the author's works. This paper reveals that the translation of Rosa's literature in french needs a careful study of the lexical unities, which acquire the term status since they are in use in the ethnoterminological speech of João Guimarães Rosa.*

**Keywords:** Guimarães Rosa. Ethnoterminology. Sertão. Translation. French.

## Introdução

A terminologia se desenvolveu graças ao trabalho de Wüster no século XX que via, com o desenvolvimento da industrialização, uma necessidade de distinguir o que pertence ao vocabulário comum de uma língua e o que pertence ao vocabulário especializado. Wüster criou a teoria geral da terminologia (TGT) que foi publicada, de maneira póstuma, em 1979, e pode ser considerada como a primeira obra moderna desta área que está, nesse momento inicial, ligada ao estudo de léxicos especializados dos domínios científicos, técnicos ou vinculados a um determinado setor de atividade.

Por ter sido o primeiro a teorizar a esse respeito, a visão de Wüster recebeu críticas que não minimizam em nada a importância de seus trabalhos. Para Cabré (1999 *apud* BARROS 2004), o modelo estabelecido por Wüster demonstra algumas falhas, já que o autor, muito pragmático devido a sua formação de engenheiro, não tratava das diferenças culturais, linguísticas e econômicas entre diferentes países e, sobretudo, não considerava a dimensão comunicativa em seus estudos a respeito do tema. Como contraponto, Cabré introduz a teoria comunicativa da terminologia (TCT), que representa um avanço ao levar em conta a função comunicativa da linguagem dentro do campo estudado.

Posteriormente, os estudos de Barbosa (2007) apontam para o conceito de etnoterminologia, o qual nos leva a pensar que os estudos terminológicos podem também servir para análises e traduções de obras literárias. A autora destaca que as unidades-lexicais podem assumir tanto as funções de termo como de vocábulo “conforme o universo de discurso em que se inscrevem” (BARBOSA, 2007, p. 433), o que, em nosso estudo, deixa vislumbrar uma etnoterminologia baseada no universo etnoterminológico que cria João Guimarães Rosa em suas obras inspiradas no sertão mineiro.

Com base nas concepções de Barbosa (2007) nos perguntamos se os textos literários de Guimarães Rosa podem ser objeto de estudo no âmbito etnoterminológico e, se for o caso, qual seria o interesse desse tipo de pesquisa para os estudos rosianos?

Para responder a essas perguntas, será exposto, em um primeiro momento, o nosso quadro teórico. Após, analisaremos dois glossários produzidos por dois dos tradutores de Guimarães Rosa para o francês, a fim de verificar se esses glossários podem ser tratados como trabalhos de natureza terminológica. Este trabalho evidencia que a tradução de João Guimarães Rosa, ou seja, a retransmissão do seu discurso etnoliterário de uma língua (o português) para outra (o francês) implica a necessidade de um estudo cuidadoso das unidades lexicais de suas obras, com o intuito de respeitar a própria proposta do autor, uma vez que, sem uma tradução os leitores estrangeiros não teriam acesso à representação literária da cultura sertaneja.

## 1. Da terminologia à etnoterminologia: alguns apontamentos teóricos

O objeto de estudo da Terminologia é o termo. De acordo com Barros (2004), “o termo é, portanto, uma unidade lexical com um conteúdo específico dentro de um domínio específico” (BARROS, 2004, p. 36). O termo pode ser chamado, igualmente, segundo a mesma autora, de unidade terminológica enquanto o conjunto dos termos é denominado conjunto terminológico ou terminologia.

Nos estudos terminológicos, é importante que se distinga palavra, vocábulo e termo. A palavra é uma unidade lexical que pertence ao domínio da língua geral. Segundo Barros (2004), a partir das teorias de Cidmar Teodoro Pais, uma palavra com um número importante de ocorrência dentro de um determinado texto ou discurso (palavra-ocorrência) vai se chamar de vocábulo que é um “modelo de realização lexical no texto” (BARROS, 2004, p. 42). De acordo com a autora: “a palavra é uma unidade do texto e o vocábulo é uma unidade do léxico, o conjunto de vocábulos de um texto é chamado *conjunto vocabular*” (BARROS, 2004, p. 41). Barros explica, ainda, que um *vocábulo* se torna um *termo* quando ele serve para denominar um conceito específico de um domínio especializado.

Essa distinção permite afirmar que em nosso estudo, por se tratar de uma obra literária, a ocorrência não será sempre um critério de definição de uma palavra como termo. Todavia, por se tratar do uso de uma palavra em um determinado contexto, o mundo sertanejo de João Guimarães Rosa, reconhecemos as unidades lexicais que se referem às especificidades do mundo sertanejo do autor, como *termos*. Estes podem ser

analisados como discurso de especialidade, objeto de estudo da terminologia, e são, portanto, uma das chaves para entender a linguagem rosiana. Do mesmo modo, um estudo terminológico dos termos pertencentes ao universo sertanejo é necessário para sua tradução em outros idiomas, como o francês, objeto do nosso estudo.

No seu artigo “Etnoterminologia e terminologia aplicada: objeto de estudo, campo de atuação”, a professora Maria Aparecida Barbosa define as noções de etnoterminologia e de discurso etnoliterário. A autora destaca a “tênue fronteira” que se encontra entre o termo técnico-científico e o vocábulo da língua geral, e explica que uma palavra pode assumir tanto as funções de termo como de vocábulo “conforme o universo de discurso em que se inscrevem” (BARBOSA, 2007, p. 433). A noção de termo se inscreve em um determinado contexto, o do discurso etnoliterário. Cada termo pode ser reconhecido como tal de acordo com o universo da obra literária a qual ele pertence.

Nessa perspectiva, uma unidade lexical pode adquirir a dimensão de termo em virtude de seu uso específico e somente entendível de acordo com o contexto, ou seja, “essas unidades têm sememas muito especializados, construídos com semas específicos do universo de discurso em causa, provenientes das narrativas, cristalizados, tornando-se verdadeiros símbolos dos temas envolvidos” (BARBOSA, 2007, p. 434). O que se confirma no caso dos textos rosianos onde se encontram termos que pertencem ao universo sertanejo.

A etnoterminologia enxerga-se mais ainda quando se trata de uma obra literária com uma dimensão geográfico-cultural importante, como é o caso da obra de João Guimarães Rosa, que está ligada ao sertão mineiro. Apesar de as narrativas desse autor terem uma dimensão universalizante que transcende o espaço do sertão, as descrições, as atividades das personagens, geralmente costumam estar ligadas ao universo sertanejo.

Uma pesquisa terminológica é, então, fundamental na hora de efetuar um trabalho de tradução para poder facilitar a (re)transmissão desse universo a um leitor estrangeiro. Nesse contexto, e tomando por base as reflexões de Barbosa (2007), pode-se dizer que por causa da dimensão cultural que carregam as unidades lexicais e pelo uso delas no discurso etnoliterário, tais unidades não pertencem mais ao domínio da língua comum, mas ao domínio de uma língua de especialidade e podem se tornar objeto de uma pesquisa terminológica.

Para reforçar sua teoria, Barbosa traz o exemplo da unidade lexical “*boi*” integrante da denominação do ritual *Bumba-meu-boi* (BARBOSA, 2007, p. 439) que, no

discurso etnoliterário dessa manifestação folclórica brasileira, não pertence mais ao universo da língua geral, mas sim, a uma “linguagem especial/especializada” (*Ibidem*, p. 440). Normalmente, enxergamos como pesquisa terminológica os estudos que têm como objeto os termos que pertencem a domínios científicos, contudo, encontramos nas unidades lexicais do discurso etnoliterário a possibilidade e, sobretudo, a necessidade de efetuar pesquisas terminológicas.

Na análise que efetuamos neste trabalho, são destacados os *glossaires* elaborados por dois tradutores de Guimarães Rosa. O fato de os tradutores terem achado necessário estabelecer um verdadeiro *glossaire* demonstra que existe uma grande preocupação terminológica no momento de traduzir o autor mineiro. Depois do estudo dos itens lexicais dos glossários, analisamos algumas unidades ligadas ao universo dos vaqueiros tomando por base a perspectiva de Barbosa:

“Essas unidades lexicais apresentam sememas construídos, em grande parte, com semas específicos do universo etno-literário, provenientes das narrativas e cristalizados, de maneira a tornarem-se verdadeiros símbolos dos temas envolvidos. É preciso estar familiarizado com as histórias, conhecer o pensamento e o sistema de valores da cultura em questão, para poder compreendê-los bem. De fato, é outra linguagem, que é preciso aprender, para interpretá-los corretamente.” (BARBOSA, 2010, p. 548).

Essa reflexão, além de justificar a importância de nosso estudo sobre a terminologia de Guimarães Rosa, introduz igualmente a necessidade de “interpretar corretamente” as unidades lexicais. Tal necessidade é uma das chaves para poder traduzir Guimarães Rosa que, nesse sentido, está em adequação com a proposta de terminologia aplicada de Barbosa que visa ao “estudo dos processos de circulação e de difusão do conhecimento” (BARBOSA, 2007, p. 442). Destarte, discutimos, também, a importância de divulgar esse imaginário literário para leitores estrangeiros que não teriam acesso a essa representação literária da cultura brasileira sem uma tradução.

Para tanto, convém se analisar a importância da questão da tradução em relação aos estudos terminológicos, pois

fazer uma pesquisa terminológica bilingue não é partir de uma nomenclatura preestabelecida em uma dada língua por um dicionário e traduzir para outra selecionando palavras semanticamente equivalentes. A qualidade de um trabalho terminológico pressupõe o levantamento das unidades que os especialistas realmente utilizam, pressupõe a descrição

do uso e, só posteriormente, a avaliação da conveniência da denominação. (CABRÉ *apud* BARROS 2004, p. 2).

Na nossa pesquisa etnoterminológica, baseada em um *corpus* literário, trata-se de um quesito essencial, porque os termos estão inseridos em um discurso de cunho etnoliterário. Assim, é a partir do universo rosiano que uma unidade lexical poderá ser reconhecida como etnotermo.

## 2. Os glossários franceses: uma análise etnoterminológica

Os dois glossários franceses analisados representam uma rica fonte de reflexão a respeito da terminologia na obra de João Guimarães Rosa. Eles foram elaborados pelos respectivos tradutores das obras *Sagarana* (1946) e *Essas Estórias* (1969). A primeira foi traduzida por Jacques Thiériot e publicada na edição Albin Michel em 1997, doravante Glossário 1, enquanto a segunda, que foi publicada postumamente, reunindo contos escritos em diferentes momentos da vida de Guimarães Rosa, foi traduzida por Mathieu Dosse sob o título *Mon oncle le jaguar & autres histoires* e publicada na edição Chandeigne em 2016, doravante Glossário 2. Portanto, esses glossários não foram produzidos com a intenção de estabelecer uma terminologia de Guimarães Rosa, mas sim com o intuito de esclarecer o leitor francês e situá-lo no contexto etnoliterário sertanejo.

O Glossário 1 é composto por trinta entradas tal como o Glossário 2 que contém, também, o mesmo número. Considerando que se trata de etnoterminologia em um discurso etnoliterário, como já definido no quadro teórico, constatamos que muitas dessas unidades lexicais, pertencentes ao léxico comum das línguas, adquirem o estatuto de termos por estarem em uso num universo específico: o do discurso etnoliterário de Guimarães Rosa. Dentre as entradas dos dois glossários, destacam-se 21 termos repartidos entre elementos da flora, da fauna, do folclore brasileiro, da cultura afro-brasileira, da dança, da culinária e dos espaços geográficos. Os termos ligados ao folclore brasileiro encontram-se no Glossário 1 e se referem a entidades como o “Saci” e a “Mule-sans-tête” (*Mula sem cabeça*), que são figuras emblemáticas e muito populares do folclore do Brasil e, portanto, não são conhecidos pelos leitores franceses.

Os etnotermos que pertencem ao domínio das danças brasileiras são observados apenas no Glossário 1: “côco”, “corta-jaca”, “loundou”, “bœuf Bumba” (Bumba-meu-boi), conduzindo o consulente para uma pesquisa etnoterminológica sobre as tradições populares brasileiras. Acresce-se a esse Glossário o “truque”, que, embora

seja considerado como um dos jogos de cartas específico do Brasil, registra-se no glossário uma possível origem ibérica.

Nessa mesma perspectiva, a presença de elementos lexicais que nomeiam os cultos afro-brasileiros na obra do autor também poderia fomentar pesquisas terminológicas a respeito desses cultos, das crenças do sertão, dentre outras. Ainda que os glossários registrem dois termos, “oricha” (*orixá*) no Glossário 1 e “terreiro” no Glossário 2, eles demonstram que é necessário apresentar com precisão o sentido dessas unidades lexicais, visando ao entendimento por parte de um leitor de língua francesa, o qual, geralmente, não conhece essa dimensão religiosa da cultura brasileira. Nota-se, no Glossário 1, o registro do etnotermo “quilombo” que não possui equivalente em francês. Todavia, o tradutor descreve o termo por meio da alusão ao “refuge d’esclaves marrons”<sup>3</sup>, conhecido pelo público francófono.

Para inscrever o seu discurso etnoliterário no sertão, Guimarães Rosa traz em seus textos numerosas unidades lexicais ligadas à fauna e à flora mineiras. Destacam-se, no Glossário 1, as seguintes unidades lexicais: “catinga”, “drymirim” e “souinan”, que nomeiam elementos da vegetação, tal como “vereda” no Glossário 2, além de “joão-potier” e “saci” relacionados à fauna. Evidenciamos que os glossários não arrolam todos os nomes das espécies presentes nas obras, evidenciando que são apenas exemplos daquilo que poderia ser objeto de pesquisas etnoterminológicas mais amplas.

Dentro dos dois glossários investigados, encontramos etnotermos que podem servir para entender o espaço geográfico no qual desenvolvem-se as narrativas. No Glossário 1, notamos a presença de termos usados para denominar as distâncias que pertencem ao vocabulário técnico do trabalhador do sertão, como “alqueire” e “lieu” (légua), talvez, porque eles sirvam para o leitor, sobretudo europeu, apreender esses espaços imensos que pertencem a um outro imaginário.

Do mesmo modo, é importante observar que as unidades lexicais que definem o espaço específico no discurso etnoliterário rosiano servem para descrever espaços brasileiros. Destaca-se, no glossário 1, “Gerais (ou campos gerais)”, que é um termo brasileiro, mas também dois termos estrangeiros: “kraal” e “uhlan”. A presença de palavras estrangeiras permite ver que o que define o etnotermo é mesmo o discurso etnoliterário, pois essas palavras estrangeiras adquirem o estatuto de etnotermos por se

<sup>3</sup> De acordo com o dicionário Larousse online: “Na América colonial se dizia de um escravo fugitivo”, portanto, *refuge d’esclaves marrons* é o refúgio dos escravos fugitivos, em outras palavras, quilombo. MARRON. In: DICTIONNAIRE LAROUSSE *en ligne*. Disponível em: <[https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/marron\\_marronne/49610](https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/marron_marronne/49610)>. Acesso em: 15 janeiro 2020.

atualizarem na terminologia do universo de Rosa. No Glossário 2, foram encontrados “garimpo”, “sertão”, “tapouitama” e “vereda”, que se referem a espaços que definem o lugar do discurso etnoliterário. A presença desses termos, que definem os espaços das narrativas, é um recurso necessário à orientação geográfica dos leitores francófonos para os quais essas terras são desconhecidas.

Por fim, há ainda referência a elementos culinários que aparecem nos dois glossários como “jacouba”, no glossário 1, “paçoca” e “rapadura”, no glossário 2. Tais elementos representam etnotermos ligados ao domínio da culinária brasileira. Esses termos atualizam-se no discurso do universo etnoliterário rosiano mas permanecem intraduzíveis em francês.

A análise desses dois glossários demonstra a importância e as várias possibilidades que eles representam, na perspectiva de Barbosa (2007), de uma terminologia aplicada na medida em que ela pode ser vista, de acordo com a referida autora, como um instrumento “de acesso a um novo universo de discurso, sem que este lhe pareça uma linguagem artificial e completamente desvinculada de seu saber anterior” (BARBOSA, 2007, p. 443). Com a tradução das obras rosianas, abre-se um caminho para um novo universo etnoliterário ao leitor francófono.

Além disso, os glossários permitem a divulgação de termos brasileiros que viram aumentar o vocabulário dos francófonos em ralação à cultura brasileira. Sendo um dos princípios avançado por Barbosa (2007) no que tange à terminologia aplicada, “mostra-se um valioso instrumento de ampliação de seu vocabulário” (BARBOSA, 2007, p. 443). Com efeito, unidades lexicais brasileiras encontram-se no discurso etnoliterário dos livros traduzidos.

Os dois glossários produzidos pelos tradutores das obras constituem uma fonte de informação sobre a cultura brasileira a partir do seu vocabulário, ratificando a ideia de que o léxico reflete a história e cultura de uma determinada comunidade linguística. E, nessa perspectiva, Biderman (2001) explica que “os dicionários recolhem o tesouro lexical da língua num dado momento da história de um grupo social” (BIDERMAN, 2001, p. 132). Assim, não há dúvida de que os dois glossários do estudo representam verdadeiros “tesouros lexicais” de termos ligados ao universo ficcional de João Guimarães Rosa.

A inexistência dos referidos glossários dificultaria aos leitores franceses o encontro de informações e explicações a respeito dos termos usados no discurso etnoliterário do auto mineiro. Deste modo, a etnoterminologia aparece como uma



ferramenta necessária para o estudo de obras literárias com uma forte dimensão geocultural.

### **Considerações finais**

Nosso estudo teve o objetivo de apresentar a terminologia como sendo uma ponte que liga os estudos linguísticos e literários, demonstrando que no âmbito das letras eles são complementares, tal como afirma F. H. Aubert a respeito da terminologia: “Essa ciência mostra-se, assim, essencial para todos aqueles que têm, na linguagem e nas linguagens, sua ferramenta de trabalho e de reflexão, de produção e de criação, de promoção das interações sociais”. (AUBERT *apud* BARROS, 2004, p. 5). Portanto, para entender um texto literário é preciso entender os termos que se atualizam no seu seio.

Demonstramos que nos glossários elaborados pelos tradutores franceses, muitas unidades lexicais podem se inserir como etnotermos na perspectiva de uma pesquisa etnoterminológica. Porém, o fato de elas estarem registradas em um glossário não garante que elas sejam termos, pois o que vai definir o termo é a perspectiva etnoterminológica tal como foi definida por Barbosa (2007). Para a autora, as unidades lexicais ganham esse estatuto de acordo com o discurso etnoliterário ao qual elas pertencem.

A leitura de Guimarães Rosa à luz das teorias do discurso etnoliterário abre uma nova dimensão para os textos do autor, os quais demonstram ser uma fonte bastante propícia para as pesquisas linguísticas, especialmente no que se refere aos estudos terminológicos. Assim, a análise que realizamos dos glossários revela como um estudo etnoterminológico das unidades lexicais permite enxergar com mais lucidez o processo criativo do escritor.

Por fim, essas perspectivas de estudo, baseadas em Barbosa (2007), abrem novos caminhos para o conhecimento de línguas estrangeiras com a ferramenta da terminologia aplicada. No âmbito da etnoterminologia, é graças aos glossários que os leitores prosseguirão no entendimento das unidades lexicais que pertencem ao universo dos textos rosianos. Nesse sentido, entender como uma unidade lexical deixa de pertencer ao discurso da língua geral para se tornar um termo requer um rigor de análise que se desdobra em rigor de leitura de um texto literário, sobretudo, os de natureza regional, ou seja, de um discurso etnoliterário.

## Referências

BARBOSA, Maria Aparecida. *Etno-terminologia e terminologia aplicada: objeto de estudo, campo de atuação*. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. ALVES, Maria Leda. (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**, volume III. Campo Grande: MS: ed. UFMS; São Paulo: humanitas, 2007.

\_\_\_\_\_. *Estudos em Etno-terminologia: as unidades lexicais na Literatura de Cordel*. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. FINATTO, Maria José Bocorny. (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**, volume IV. Campo Grande: MS: ed. UFMS; Porto Alegre: ed. UFRGS, 2010.

BARROS, Lídia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: edusp, 2004.

\_\_\_\_\_. **Conhecimentos de Terminologia Geral para a prática tradutória**. São José do Rio Preto: NovaGraf, 2007.

BIDERMAN, Maria Teresa. *Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas*. In: ISQUERDO, Aparecida Negri. DE OLIVEIRA, Ana Maria Pires. (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: MS: ed. UFMS, 2001.

ROSA, João Guimarães. **Mon oncle le jaguar & autres histoires**. Tradução de Mathieu Dosse. Paris: Chandeigne, 2016.

\_\_\_\_\_. **Sagarana**. Tradução de Jacques Thiériot. Paris: Albin Michel, 1997.